

# As rotinas produtivas na cobertura jornalística da Presidência no Brasil

Fábio Henrique Pereira, Ana Guerreiro Lacerda e  
Michelle Mattos dos Santos\*

## Índice

1 Referencial teórico utilizado	2
2 As rotinas de jornalistas e assessores no Palácio do Planalto	3
3 Conclusões	7
4 Referências Bibliográficas	7

**Resumo:** O artigo analisa a cobertura jornalística diária do presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva. Para a realização do estudo, os autores acompanharam, durante o período de 11 a 14 de janeiro de 2005, o cotidiano do Comitê de Imprensa do Palácio do Planalto e da Secretaria de Imprensa e Divulgação (SID), ligada à Presidência da República. O foco da pesquisa foram as rotinas produtivas dos jornalistas que cobrem o Planalto e suas relação com os assessores de imprensa na construção da agenda jornalística dos atos ligados ao presidente Lula.

---

\*Fábio Henrique Pereira (Universidade de Brasília) é Doutorando em Comunicação pela Universidade de Brasília. Atualmente faz estágio de doutoramento na Université de Rennes 1 (França). Ana Guerreiro Lacerda é estudante de Jornalismo da Universidade de Brasília. Michelle Mattos dos Santos é estudante de Jornalismo da Universidade de Brasília.

## Introdução

Diariamente, cerca de 30 jornalistas se instalam no comitê de imprensa do Palácio do Planalto à espera dos acontecimentos que vão compor os principais assuntos do noticiário político em Brasília. São profissionais jovens – a maioria não tem mais de 35 anos – que sofrem com uma rotina de trabalho desgastante que pode chegar a 10, 12 horas por dia. Para eles, noticiar o centro do poder nem sempre é tão interessante quanto possa parecer. Na verdade, tudo se resume a acompanhar e transmitir os eventos pautados pela agenda oficial do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva.

Algumas escadas acima, no segundo andar do Palácio do Planalto, os assessores que trabalham na Secretaria de Imprensa e Divulgação (SID) da Presidência vivem uma situação contraditória: ajudar os jornalistas no seu trabalho diário e preservar a imagem do Presidente Lula. Sem as pressões de tempo e *deadline* que costumam acompanhar as rotinas dos repórteres, os assessores da SID são cautelosos em divulgar uma informação e tentam se mostrar sempre disponíveis para uma imprensa que várias vezes rotulou o presidente como “autoritário”.

Jornalistas e assessores de imprensa. Eles

são os principais personagens deste artigo. Nosso foco são as rotinas produtivas dos profissionais que cobrem o Palácio do Planalto e a influência das relações entre imprensa e assessoria na construção do noticiário sobre a Presidência. Para isso, realizamos uma pesquisa qualitativa de caráter etnográfico, onde observamos o cotidiano da SID e Comitê de imprensa durante quatro dias, de 11 a 14 de janeiro de 2005. Completamos nossa observação entrevistando jornalistas e funcionários do Palácio do Planalto. No final conversamos durante uma hora com o Secretário de Imprensa e Divulgação da Presidência, Fábio Kerche.

## 1 Referencial teórico utilizado

Os jornalistas possuem um papel estratégico na sociedade: dar a um evento o status de notícia. Eles influenciam a percepção do público e transmitem uma interpretação da realidade em que atribuem sentido a fenômenos complexos. Ao situar esta função do jornalista dentro da perspectiva teórica do agendamento, Nelson Traquina (2000: 26), explica que a notícia não pode ser tomada como um simples espelho da realidade, mas resulta da interação entre “a atuação dos membros da tribo jornalística” e a “ação estratégica dos promotores de notícia e os recursos que possuem e são capazes de mobilizar para obterem acesso ao campo jornalístico”.

### 1.1 Os jornalistas e as rotinas produtivas

Durante o dia-a-dia da cobertura noticiosa os jornalistas estruturam seu trabalho por meio de rotinas produtivas. Elas permitem que os repórteres transformem acontecimentos em

notícias sem grandes sobressaltos (Traquina 1993), se constituem num atalho capaz de facilitar as decisões pessoais dos jornalistas. São também uma forma eficaz de lidar com os constrangimentos do tempo, já que a consciência temporal estaria subjacente à estrutura básica das rotinas (Schlesinger, 1993).

Por outro lado, as rotinas representam um recorte artificial dos fatos, pois induzem os jornalistas a adaptar a complexidade de um acontecimento ao seu esquema de produção. Segundo Moretzsohn (2002), elas refletem muito mais o meio jornalístico do que a realidade reportada. Além disso, aos se converterem em organizações excessivamente burocratizadas, os media estão cada vez mais dependentes das informações provenientes dos canais de rotina (conferências de imprensa, *press-releases*, agências, etc), processo que diminui a polifonia do discurso jornalístico e leva a uma excessiva dependência das fontes oficiais (Sousa, 2000).

### 1.2 A ação dos promotores de notícia

A produção da notícia não deve ser entendida apenas como resultado isolado da ação pessoal do jornalista. Cada vez mais, como afirma Sousa (2000), toma-se conhecimento da influência do contexto social na construção do noticiário. No caso, da cobertura do Palácio do Planalto, torna-se importante entender como se estrutura a interação entre jornalistas e assessores de imprensa. Por isso, adotamos o marco teórico de Harvey Molotch e Marilyn Lester (1993) que pressupõe a existência de três agentes, inseridos no processo de produção e difusão da notícia:

a) Os promotores de notícia (*news promoters*): identificam uma ocorrência como especial. São eles também os responsáveis pela proposição da agenda político-governamental;

b) Os *news assemblers* (os jornalistas) que a partir do material proposto pelos promotores de notícia transformam uma ocorrência em acontecimento público por meio da publicação ou radiodifusão;

c) Os consumidores da notícia.

Segundo Molotch e Lester, a produção noticiosa nasce de uma relação entre promotores e jornalistas. Por um lado, os *news promoters* preparam seus clientes no trato com os media. Eles se dedicariam ao treinamento das fontes e à “racionalização das atividades a serem divulgadas (ou eventos a serem promovidos), adequando-se ao ritmo de trabalho (ao tempo) do jornal” (Moretzsohn, 2002: 69). Os jornalistas, por sua vez, buscam formatar as informações difundidas pelos promotores de acordo com suas rotinas de produção, com os valores notícia e com a cultura das organizações noticiosas em que trabalham.

Para Manuel Carlos Chaparro (1993: 73), essa relação seria de dupla conveniência. “Os jornalistas das redações escrevem cada vez mais sobre fatos que não observam e sobre assuntos que não entendem – precisam de bons informantes e intérpretes da realidade: as fontes empresariais e institucionais, geradores de fatos e atos de relevância social”. As fontes, por sua vez, não sobreviveriam sem a comunicação junto ao público e, portanto, necessitam da mediação promovida pela imprensa.

A forma como essa relação se estabelece no dia-a-dia da cobertura do Palácio do Pla-

nalto será analisada a seguir, a partir dos resultados de nossa investigação empírica.

## 2 As rotinas de jornalistas e assessores no Palácio do Planalto

Embora jornalistas e assessores possam ser entendidos como atores de um mesmo processo de construção da agenda jornalística, eles atuam em instituições distintas. Os interesses e rotinas produtivas de quem trabalha para o governo divergem bastante dos profissionais da mídia. Por isso, uma análise da cobertura da Presidência parte de uma descrição do cotidiano dos atores envolvidos.

### 2.1 O lado dos promotores

A rotina dos funcionários da SID é pautada pela agenda diária do Presidente Lula, geralmente definida com alguma antecedência pelo gabinete da Presidência e pelo Cerimonial do Palácio do Planalto. As funções da Secretaria compreendem desde a parte logística – operação de áudio e vídeo, credenciamento de jornalistas, definição da área destinada a repórteres e fotógrafos – ao atendimento pessoal da imprensa. Para isso, a Secretaria conta com 73 funcionários, 13 deles lotadas na sua “Redação”<sup>1</sup>.

A divulgação de qualquer tipo de informação é feita com bastante cautela: qualquer declaração da SID é tomada como oficial. Informações de bastidor costumam ser evitadas, embora os assessores evitem mentir para

<sup>1</sup> A Redação da SID é dividida nos seguintes setores: imprensa nacional (3 jornalistas), regional (2 jornalistas), internacional (2 jornalistas), fotografia (1 jornalista), site (4 jornalistas) e operação de reportagem (1 jornalista).

os jornalistas. Quando sabem de algum ato que não pode ser divulgado oficialmente, os funcionários da secretaria utilizam o recurso do *off*.

Após ser divulgada a agenda, os jornalistas começam a entrar em contato com a SID em busca de detalhes sobre os eventos e informações sobre os assuntos que serão discutidos naquele dia. O procedimento normal da Secretaria é registrar dia, hora e assunto abordado. Nos anos de 2003 e 2004, os assessores atenderam 43.394 mil jornalistas por telefone. Outros 8.908 profissionais foram atendidos pessoalmente<sup>2</sup>. Para reduzir parte dessa demanda, a SID inaugurou em setembro de 2003 uma página na internet ([www.info.planalto.gov.br](http://www.info.planalto.gov.br)). Durante 15 meses de funcionamento, o *site* publicou 528 agendas do presidente, 2.205 notas, 2304 fotografias e 190 programas de viagem<sup>3</sup>. Embora fique disponível a qualquer pessoa, o conteúdo da página é voltado aos jornalistas que cobrem a Presidência. As notas publicadas, por exemplo, servem apenas para divulgar um evento, dificilmente um assessor da SID fará uma cobertura ‘jornalística’ de um evento do Presidente. Ou seja, idéia do *site* não é *substituir* o trabalho dos jornalistas, mas *subsidiá-lo*, disponibilizando, inclusive, fotografias que podem ser baixadas em alta resolução e publicadas por veículos que não enviaram um fotógrafo para cobrir determinado acontecimento.

No decorrer do dia, os assessores ainda se dedicam a acompanhar as matérias publica-

<sup>2</sup> Dados retirados do Relatório das Atividades da SID 2003/2004, disponibilizado aos autores pela Secretaria.

<sup>3</sup> Dados retirados do Relatório das Atividades da SID 2003/2004, disponibilizado aos autores pela Secretaria.

das em tempo real pelas agências de notícias. Com base nesse *clipping* informal, é possível corrigir algum fato ou verificar informações obtidas em *off*. O maior receio dos assessores, contudo, são os escândalos publicados no Jornal Nacional, principal telejornal da Rede Globo. "Se sai algo na mídia impressa, esperamos até a noite para ver se o *Jornal Nacional* vai dar. Se não der, é como se não tivesse acontecido", afirma Ivan Marciglia, assessor para a imprensa regional da SID.

## 2.2 O lado dos jornalistas

Os jornalistas que cobrem a Presidência também estão à mercê da agenda oficial do Presidente. Enquanto esperam algum evento noticiável, os repórteres passam o dia sentados no Comitê de Imprensa, assistindo TV ou navegando na Internet. A monotonia só é quebrada quando algum político que vai ao Planalto decide conversar com os jornalistas. Nessas horas, avisados por algum fotógrafo, os repórteres correm e cercam o entrevistado. "Aqui é um inferno", afirma a jornalista da Radiobrás, Ana Paula Tamarra, "Fazemos jornalismo de portaria, à espera dos que vêm e vão".

Jornalismo investigativo é raro junto aos profissionais que cobrem a agenda diário do Presidente. As grandes matérias geralmente são produzidas por um grupo seletivo de jornalistas como Franklin Martins da Rede Globo e Fernando Rodrigues da Folha de São Paulo. Como possuem acesso direto ao presidente, esses jornalistas não compartilham da rotina diária dos repórteres que trabalham no comitê. Vedetes do jornalismo, eles transitam sem problemas no terceiro e quarto andares do Palácio do Planalto, local

de trabalho do presidente Lula e dos ministros ligados a Presidência.

Cobrando os mesmos eventos e entrevistando praticamente as mesmas fontes, os repórteres do Comitê são incapazes de fazer uma cobertura diferenciada, o que explica a semelhança do noticiário político produzido pela imprensa. Este mecanismo de retroalimentação é chamado por alguns teóricos de “mimetismo midiático”. Segundo Ramonet (2001: 21), o mimetismo gera uma confusão de suportes, “impelindo a mídia a precipitar-se para cobrir um acontecimento (seja lá qual for) sob o pretexto de que os outros meios – principalmente a mídia de referência – lhes atribuam grande importância”.

No dia-a-dia, os jornalistas que cobrem o Palácio do Planalto costumam recorrer aos assessores da SID em busca de detalhes sobre algum evento oficial, para confirmar alguma informação de bastidor, ou mesmo pedir um *off*. Informações importantes também podem ser obtidas numa conversa informaçã ou num documento perdido na mesa de algum assessor da Presidência.

### 2.3 Jornalistas, assessores e rotinas: influências na construção da notícia

A descrição das rotinas de assessores e jornalistas evidencia a influência dessa relação na produção do noticiário. Convivendo a toda hora com boatos, mas trabalhando num ambiente onde o acesso à principal fonte – o Presidente – é bastante limitado, os repórteres do Planalto dependem de informações confiáveis fornecidas pelos assessores. Já os funcionários da SID constroem sua credibilidade na convivência diária com a imprensa.

Neste caso, mentir para um jornalista para esconder uma informação confidencial pode minar essa relação de “dupla conveniência”. É o que afirmam o Secretário de Imprensa da Presidência Fábio Kerche:

O assessor de imprensa também tem credibilidade. Se eu tirar o jornalista do caminho, amanhã ele não me liga de novo. É uma troca. O jornalista passa a confiar em mim e isso me dá liberdade, dentro dos limites do razoável, para ligar, corrigir uma informação, conversar com ele.

O repórter Lincon Macário da Rádio CBN confirma que, mesmo com interesses divergentes, a questão da credibilidade torna-se essencial para um assessor:

Eles não vão passar os bastidores. Eles não têm essa obrigação. Mas eles garantem que não vão nos tirar do caminho. Se nós tivermos uma boa informação de bastidores e ligar para confirmar, eles não vão mentir.

A cooperação entre jornalistas e assessores explica-se em parte pela origem dos próprios funcionários da SID: a maioria trabalhou em redações antes de entrar para o governo. Exceção feita ao Secretário de Imprensa, Fábio Kerche, que é sociólogo e doutor em ciências políticas e pela assessora responsável por imprensa internacional, Ana Maria Matos, formada em letras.

Em outros momentos, contudo, o interesse das instituições prevalece sobre o sentimento camaradagem entre assessores e jornalistas. Afinal, eles trabalham em pólos distintos na cadeia noticiosa. A busca por informações

de bastidor, por exemplo, mostra a assimetria dessa relação. Enquanto a oferta de informações é monopolizada pelas fontes, a busca por notícias é concorrencial: vários jornalistas estão atrás de uma mesma informação (Rieffel, 1984). “A burocracia é sempre mesma. Mudam os governos, mas ninguém nunca fica sabendo de nada”, reclama Luciana Matosinhos, repórter da Rádio Jovem Pan.

Divergências também acontecem entre as informações divulgadas pelos assessores e os valores-notícia adotados pelos jornalistas<sup>4</sup>. Alguns episódios que ilustram essa diferença puderam ser observados durante a pesquisa. No dia 12 de janeiro, por exemplo, o Presidente Lula recebeu a primeira visita de um chefe de estado búlgaro. Durante a visita, alguns acordos na área de esporte e relações internacionais foram assinados. Contudo, no dia seguinte, a matéria publicada pelo jornal Folha de São Paulo centrou-se na ausência de garçons durante o almoço servido no Palácio do Itamaraty. Já no dia 13, o presidente sancionou, numa solenidade no Palácio do Planalto, o Programa Universidade Para Todos (Prouni), que prevê bolsas integrais para estudantes carentes. Porém, a cobertura feita pelo jornal da TV Bandeirantes preferiu explorar uma declaração feita por Lula, onde afirmava que, ao fim de seu mandato acabasse, ele e o vice-presidente José Alencar poderiam também se inscrever no Prouni<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> Segundo Mauro Wolf (1995: 175), os critérios de noticiabilidade ou os valores-notícia constituem-se num “conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gera a quantidade e o tipo de acontecimentos, dentre os quais há que selecionar as notícias”.

<sup>5</sup> Em alusão ao fato de, tanto o presidente como o vice não possuírem diploma universitário.

Já citamos, por exemplo, o caso da matéria sobre o almoço *self service* oferecido pelo Itamaraty à delegação búlgara. No dia seguinte – 13 de janeiro – o presidente sancionou, em solenidade no Palácio do Planalto, o Programa Universidade Para Todos (Prouni), que prevê bolsas integrais para estudantes carentes. Mas a cobertura feita pelo jornal da TV Bandeirantes preferiu explorar uma declaração feita por Lula em que ele afirmava a intenção de se inscrever no Prouni quando o seu mandato terminasse.

Parte dos conflitos entre jornalistas e assessores é provocado pelas diferentes temporalidades que perpassam o mundo da política e o mundo da mídia. Autores como Sylvia Moretzsohn (2000), Dominique Wolton (2004) já haviam apontado essas divergências. A pesquisadora portuguesa Estrela Serrano (1999: 07) ilustra bem essa perspectiva ao afirmar que:

O tempo dos media e o tempo da política não são compatíveis. Os media precisam de boas “estórias” que enfatizem os aspectos fora do comum, controversos ou dramáticos do mundo e da política. Os media orientam-se para acontecimentos que possam constituir-se em oportunidades de notícias, não para valores de natureza política.

Essa diferença de temporalidades foi apontada pelo secretário de imprensa, Fábio Kerche:

Se governo faz uma reunião para discutir um assunto, é lógico que a imprensa já quer a decisão. Mas não tem decisão. Às vezes, recebo um telefonema de um jornalista às sete da noite, desesperado porque tem que fechar a matéria. E eu não

posso responder prontamente. O tempo da imprensa é muito mais imediato e o tempo do governo exige mais elaboração. E, às vezes esses tempos entram em conflito.

A falta de sincronia entre o ritmo dos assessores e dos jornalistas tende a se agravar na era do ‘tempo real’. Isso pode levar a duas conseqüências distintas: ou os jornalistas atropelam o tempo da política e publicam informações sem credibilidade, como mostram os trabalhos de Zélia Adghirni<sup>6</sup> e Sylvia Moretzsohn (2002); ou os assessores adaptam-se à temporalidade da mídia. Segundo o Fábio Kerche, o Presidente Lula, por exemplo, costuma acompanhar, em tempo real, os despachos da Agência Broadcast, que publica informações voltadas para o mercado financeiro.

### 3 Conclusões

A aplicação dos conceitos de rotinas produtivas e a análise das relações entre jornalistas e *news promoters* na análise da cobertura do Planalto permite compreender a relevância da interação entre jornalistas e assessores - nos processos de construção da notícia. A produção jornalística é vista um conjunto de ações e procedimentos que buscam dar previsibilidade à cobertura noticiosa. Para jornalistas é preciso ter meios eficazes de lidar com a realidade, matéria-prima da reportagem. Para os assessores, a importância está em satisfazer as demandas da imprensa e preservar a imagem do presidente.

Se a função dos *news promoters* é interferir na pauta dos jornalistas, eles também

<sup>6</sup> Ver as diversas pesquisas da professora sobre jornalismo em tempo real.

costumam ser pautados pelo que sai na imprensa. E isso se reflete na agenda do próprio presidente que toma conhecimento dos principais assuntos da agenda mediática por meio de um *clipping* feito pela Secretaria de Comunicação (Secom), pela SID e pelo porta-voz da presidência numa reunião matinal. Não que a ação do Presidente Lula seja pautada pela imprensa, mas é inegável a influência dos media no exercício do poder.

A realidade retratada nos jornais é, portanto, resultado de uma disputa de interesses entre fontes e jornalistas. É difícil dizer com precisão quem seria o vencedor desse jogo, mas é possível constatar como a burocratização das rotinas jornalísticas, pautadas pela agenda dos *news promoters*, a produção de notícias sem investigação, sem enfoques diferenciados, demonstra um certo distanciamento entre a cobertura do Palácio do Planalto o ideal, muitas vezes romantizado, do que deveria ser o jornalismo político em Brasília.

### 4 Referências Bibliográficas

MOLOTCH, Harvey e LESTER Marilyn. ‘As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico dos acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos’ in TRAQUINA, Nelson (org.) *Jornalismo: Questões, teorias, histórias*. Lisboa (Portugal) Vega, 1993, pp. 34-51.

MORETSZHON, Sylvia. *Jornalismo em “tempo real” – o fetiche da velocidade*. Rio de Janeiro, Revan, 2002.

RAMONET, Ignacio. *A tirania da comunicação*. 2ª Ed. Petrópolis, Vozes, 2001.

RIEFFEL, Rémy. *L'élite des journalistes*. Paris: Press Universitaires de France, 1984.

SCHLESINGER, Philip. 'Os jornalistas e sua máquina do tempo' in TRAQUINA, Nelson (org.) *Jornalismo: Questões, teorias, estórias*. Lisboa (Portugal) Vega, 1993, pp.177-190.

SERRANO, Estrela. *Jornalismo e elites do poder*. Biblioteca on line das Ciências da Comunicação, 1999, acessado em 26/07/2002. <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php3?html2=serrano-estrela-jornalismo-elites-poder.html>>

SOUSA, Jorge Pedro. *As notícias e os seus efeitos*. Coimbra, Portugal, Minerva, 2000.

TRAQUINA, Nelson. 'As notícias' in TRAQUINA, Nelson (org.) *Jornalismo: Questões, teorias, estórias*. Lisboa (Portugal) Vega, 1993, pp. 167-176.

TRAQUINA, Nelson 'A descoberta do poder do jornalismo: análise da teoria do agendamento' in TRAQUINA, Nelson (org.) *O poder do jornalismo – análise e textos da teoria do agendamento*. Coimbra (Portugal) Minerva, 2000, pp.13-43.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. 4<sup>a</sup> ed. Lisboa, Presença, 1995.

WOLTON, Dominique. *Pensar a Comunicação*. Brasília, Ed. UnB, 2004.